



PERCURSOS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMADORA: A ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO “ZOOSE” NUM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES KAIOWÁ/GUARANI

PATHWAYS OF AN EXPERIENCE OF TEACHER PREPARATION: PLANNING THE CONTENT "ZOOSE" IN COURSE OF KAIOWÁ/GUARANI TEACHER'S TRAINING

Maria Aparecida de Souza PERRELLI¹
Lorena Marileide COLMAN², Milena Franco de SÁ³

1 Universidade Católica Dom Bosco/Mestrado em Educação – cidaperrelli@yahoo.com.br

2-Polícia Militar do Estado de Mato Grosso do Sul - lc_colman@hotmail.com

3- Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul – milena20_ms@hotmail.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta três momentos confluentes e interpenetrantes de uma experiência de construção de diálogo intercultural, mobilizada pelo desafio de ensinar o conteúdo “zoonoses” no Projeto Ara Verá – um curso de formação de professores kaiowá e guarani. O primeiro diz respeito a um movimento em direção ao reconhecimento da realidade histórica na qual se construiu a identidade dos Kaiowá e Guarani; o segundo intencionou reconhecer as condições atuais em que vivem esses povos, e que favorecem o ciclo das zoonoses; o terceiro constituiu-se de reflexões suscitadas no encontro/confronto de culturas, numa perspectiva de construção de espaços de diálogo intercultural no currículo do Curso.

Palavras-chave: educação intercultural, zoonoses, escola indígena, formação de professores

Abstract

This paper presents three times confluent and interpenetrating an experiment in a building dialogue, mobilized by the challenge of teaching content "zoonosis" in the Projeto Ara Verá - course of kaiowá and guarani teacher's training. The first relates to a move towards recognition of historical reality in which they built the identity of Guarani and Kaiowá; the second wanted to recognise of current conditions in which they live and which provide the cycle of disease “zoonosis”; and the third consisted of considerations raised in the meeting/clash of cultures in relation, to the construction of spaces for intercultural dialogue in the curriculum.

Key-words: intercultural education, zoonosis, indigenous school, teacher's training

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no conjunto das preocupações atuais com o tema diversidade/diferença cultural e suas implicações no currículo. Pretende estar afinado com as pesquisas em educação que se interessam pela experiência docente e a compreende como lugar de produção de significados, de conhecimento e autoconhecimento e, portanto, de formação.

O texto realça momentos de uma experiência formadora construída no desafio de ensinar ciências naturais¹ no Projeto Ara Verá (espaço-tempo iluminado, em idioma Guarani), um Curso de nível médio que visa habilitar professores kaiowá e guarani de Mato Grosso do Sul. Professores e alunos têm-se esforçado para que o Curso se constitua um espaço de negociação entre sujeitos e conhecimentos produzidos em contextos culturais distintos. A tarefa tem se mostrado árdua, uma vez que não se apagam tão facilmente as marcas de uma história de relações de poder. O currículo monocultural que guiou nossos modos de ver o mundo teima em pesar sobre a orientação pluri e intercultural que se pretende imprimir nesse novo contexto de formação de professores. Nesse lugar e nesse tempo a aprendizagem da docência vem sendo forjada nas demandas da prática e mediante um trabalho permanente de reflexividade.

Com o propósito de fazer da sala de aula no Projeto Ara Verá um lugar de construção do diálogo intercultural, estamos experimentando a pesquisa como princípio metodológico, com intuito de encontrar elementos que auxiliem a compreender (1) o contexto nos quais a cultura kaiowá e guarani foi/é construída, (2) a problemática da construção do diálogo entre sujeitos e saberes no curso de formação de professores indígenas e (3) as necessidades formativas dos docentes que, como nós, atuam nesse novo contexto.

Apresento a seguir alguns momentos em que se pôde evidenciar um esforço de concretização desse intento, durante a construção do componente curricular Ciências Naturais. Destaca, mais precisamente, uma experiência que propiciou ricas aprendizagens da docência mediante o desafio de elaborar, planejar e discutir o tema “zoonoses” num ambiente em que culturas diferentes percebem a questão de modo diverso e conflitante. O trabalho de construção desse conteúdo nos exigiu uma maior aproximação da história e da cultura kaiowá e guarani e muita reflexão sobre como seria possível a explicitação destas nas aulas de ciências naturais. Nesse percurso, passamos a conhecer melhor a nós mesmos, as razões que sustentam as nossas visões de mundo e que dificultam a construção da sala de aula como espaço de confronto, conflito, negociações e acolhimento de culturas diferentes das nossas.

O relato será feito em três tempos que, embora sequenciados, não devem ser compreendidos separadamente. São movimentos confluentes e interpenetrantes que foram se constituindo no Curso em processo de acontecimento. Os dois primeiros vão em direção aos Kaiowá e Guarani, procurando mergulhar na história de construção das suas identidades e nas condições atuais que propiciam a ocorrência de enfermidades, dentre estas, as zoonoses. O terceiro movimento se dedica a algumas reflexões suscitadas no encontro/confronto de nossas culturas, numa perspectiva de construção de espaços de diálogo intercultural no currículo do Curso.

OS KAIOWÁ E GUARANI DE MATO GROSSO DO SUL

Sabe-se da existência dos Kaiowá e Guarani desde 1750-60. Nessa época dominavam cerca de quatro milhões de hectares (BRAND, 1997), predominantemente as florestas subtropicais das terras meridionais da América do Sul (Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina, sudeste da Bolívia, sul, sudeste e centro-oeste do Brasil), até serem escravizados e mortos em grande número pelos colonizadores europeus, que posteriormente ocuparam suas terras (GRÜNBERG, 1999).

A sociedade indígena Guarani contemporânea está dividida em três grupos: Kaiowá, Ñandeva/Chiripa e Mbya. No Mato Grosso do Sul encontram-se os Kaiowá e, em menor número, os Ñandeva/Chiripa que se auto-reconhecem e são reconhecidos pela denominação

¹ A primeira autora deste trabalho permanece atuando no Projeto Ara Verá como docente. As demais tiveram participações esporádicas no Projeto, quando eram acadêmicas do Curso de Biologia da Universidade Católica Dom Bosco, mas atualmente não estão envolvidas com pesquisas e trabalhos desta natureza.

Guarani (BRAND, 1997). Concentrados no sul do Estado, vivem atualmente confinados em uma pequena área descontínua de pouco mais de 40 mil hectares.

Dados recentes (em BRASIL, 2009) informam uma população de, aproximadamente, 40.000 índios kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul. Esse contingente populacional, apesar de reduzido, já foi bem menor há apenas alguns anos. Isso porque desde o período colonial, e acentuadamente no século passado, o espaço territorial no qual vivia essa população vem sofrendo um processo de ocupação pelo homem branco (BRAND, 1997). Empresas e fazendas de criação de gado, plantio de soja e café foram instaladas na região, substituindo a mata nativa por pastagem de capim colômbio (planta exótica) e aglomerando a população indígena sobrevivente nas terras restantes. O confinamento em pequenas áreas teve como consequências imediatas uma grande pressão antrópica que comprometeu severamente a mata nativa, a qualidade das águas (poluição, assoreamento, destruição da mata ciliar e das nascentes) e as formas tradicionais de subsistência baseadas na caça e coleta (BRAND, 1998; GRÜNBERG, 2002). Em face das dificuldades de sobrevivência, muitos jovens e adultos passaram a buscar fontes alternativas de renda trabalhando em usinas de álcool da região, ficando ausentes das aldeias por longos períodos e comprometendo sensivelmente a organização social local (VIETTA, 1998). Nesse cenário, são altos os índices de desnutrição, suicídio e alcoolismo. Há problemas políticos e sociais decorrentes da sobreposição de lideranças e da necessidade de reordenação da organização familiar. Valores e práticas religiosas tradicionais vão cedendo lugar a outras crenças, sobretudo a religiões neopentecostais (BRAND, 1998). Conhecimentos e valores, veiculados pela escola formal não-índia e pelos meios de comunicação de massa, também já se fazem notar no cotidiano de muitas aldeias.

Apesar de todo esse processo de extermínio, algumas estruturas fundamentais que organizam o sistema indígena guarani estão presentes e ativas, orientando a sua identidade tradicional. A língua guarani, por exemplo, ainda é falada por quase todos. Vê-se também um forte engajamento dos Kaiowá e Guarani nos movimentos de retomada e legalização de suas terras (GRÜNBERG, 1999; 2002), além de ações de prevenção, de recuperação de danos ambientais, educação ambiental e construção de alternativas de renda. São notáveis nesse sentido os esforços das comunidades locais, tendo como parceiras diversas instituições como Universidades, Conselho Indigenista Missionário-CIMI, Organizações Não Governamentais, entre outras. Entretanto, o ritmo do avanço em direção à solução dos problemas locais é lento. Apesar desses esforços, ainda se vê muitos episódios de queimada, de destruição das matas e dos animais. Persistem problemas de saúde como suicídio, alcoolismo, desnutrição, uso de drogas, tuberculose, zoonoses, entre outros. O lixo se acumula devido ao consumo de produtos industrializados adquiridos nas cidades do entorno.

Diante desse quadro, a escola indígena se afirma, na atualidade, como uma alternativa de luta pela melhoria das condições de vida desse povo. Ela está se construindo a partir de novas bases, diferentes das que visavam à integração e à assimilação do índio à sociedade nacional. Agora, a escola *do* índio (e não *para* o índio) pretende reafirmar a sua identidade e diferença, por meio de uma educação diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, conforme garante a Constituição Federal de 1988. Nessa direção, a escola torna-se espaço de revitalização dos saberes tradicionais de suas culturas e de aprendizagem de saberes produzidos pela ciência ocidental.

A preparação dos professores indígenas para atuar nessa nova escola iniciou-se em Mato Grosso do Sul no ano de 1999, com o “Curso Normal em Nível Médio – Formação de Professores Guarani/Kaiowá – Projeto Ara Verá (Espaço-Tempo Iluminado)”, uma conquista resultante da luta iniciada em 1989 pelo Movimento de Professores Kaiowá/Guarani, e hoje viabilizada por intermédio do Governo do Estado, prefeituras das localidades onde há indígenas dessa etnia, além de Instituições de Ensino Superior parceiras, tais como a

Universidade Católica Dom Bosco-UCDB e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e mais recentemente a Grande Dourados- UFGD. Do início do Projeto em 1999 até os dias atuais já foram habilitados cerca de 140 professores indígenas².

De acordo com os termos do Projeto, a organização curricular está baseada em três eixos: *teko* (cultura), *tekoha* (território) e *ñe'e* (língua). Os eixos devem atravessar os diferentes componentes curriculares. A carga horária é operacionalizada em etapas de estudos presenciais, intercaladas por estudos e estágios desenvolvidos nas comunidades indígenas. É garantida a presença de Caciques ou Rezadores nas etapas presenciais, a fim de propiciar aos alunos e professores o acesso aos saberes da tradição e a oportunidade de vivenciar os rituais (MATO GROSSO DO SUL, 1999).

Os Referenciais Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas justificam a inclusão das Ciências Naturais como componente curricular pela necessidade que essas sociedades têm de “compreender a lógica, os conceitos e os princípios da ciência ocidental para poderem dialogar em melhores condições com a sociedade nacional [...]” (BRASIL, 1998, p. 255) e também construir um “[...] espaço propício para veicular, por intermédio de registros estabelecidos a partir do diálogo e pesquisa com a comunidade, a formulação sistematizada [dos] conhecimentos tradicionais [...]” (BRASIL, 1998, p. 257).

Sintonizado com essas convicções, o componente curricular Ciências Naturais no Projeto Ara Verá tem como objetivos o estudo dos conhecimentos científicos sistematizados, assim como a “pesquisa e sistematização dos saberes étnicos” referentes às áreas de “Biologia, Física, Química, Ambiente e Saúde”. Entre outros conteúdos programáticos sugere “[...] o estudo dos animais e das plantas; saúde e suas relações com o meio ambiente; doenças e formas de prevenção e cura; [...] estudo da natureza, seu aproveitamento, preservação e transformação, inserida no contexto espacial dos Guarani/Kaiowá [...]” (MATO GROSSO DO SUL, 1999, p. 20). Estes devem ser trabalhados sempre articulados em torno dos três eixos (Terra, Língua e Cultura) de modo a propiciar a compreensão dos processos de transformação que levaram os Kaiowá e Guarani à situação atual.

É dentro dessa perspectiva (no âmbito do Curso, de seus objetivos e eixos norteadores) que o presente trabalho se insere. Por meio dele vivenciamos a experiência de conhecer um pouco mais sobre a história e cultura kaiowá e guarani, os desafios que enfrentam na atualidade, a importância do diálogo com os conhecimentos do ocidente e da visibilidade da cultura desse povo no currículo escolar.

BUSCANDO COMPREENDER AS CONDIÇÕES QUE PROPICIAM O CICLO DE ZONOSSES ENTRE OS KAIOWÁ E GUARANI

Contexto e metodologia da pesquisa

Como já foi dito, o estudo foi motivado pela necessidade de incluir o tema “zoonoses” como objeto de estudo as aulas de Ciências Naturais do Projeto Ara Verá. A fim de fundamentar ações nesse sentido, procurou-se, por meio da pesquisa no campo, conhecer mais de perto a realidade dos Kaiowá e Guarani, direcionando o olhar para as questões relacionadas ao favorecimento das zoonoses na população local. Dadas as dificuldades/peculiaridades inerentes às pesquisas de campo com comunidades indígenas (necessidade de autorizações para a entrada na Aldeia, consentimento da população envolvida, aprovação dos Comitês local e nacional de Ética em Pesquisa (CEP e CONEP), condições de deslocamento e permanência na aldeia, minimização de riscos de interferência na rotina da comunidade, entre

² O Projeto Ara Verá já não é mais considerado entre os participantes como “Projeto” e sim como “Curso Ara Verá”. A terceira turma concluirá o curso no ano de 2010, com aproximadamente 70 professores formados.

outros), o delineamento metodológico foi se constituindo ao longo do processo, ao serem apresentadas oportunidades apropriadas à coleta das informações.

Concebendo as zoonoses como doenças e infecções transmitidas ao homem pelos animais, e sabendo que, em geral, sua ocorrência é propiciada por condições ambientais, climáticas, culturais, econômicas e sociais, além da biologia do parasito, optou-se por observar a presença ou não de tais condições em uma Aldeia kaiowá/guarani. O local escolhido para observação foi a Aldeia Te'yikue, localizada na Reserva Indígena de Caarapó, Mato Grosso do Sul (22° 35'W, 55° 00'S), uma das mais populosas dessa etnia no estado, criada em 1924 (BRAND, 1998) e constituída atualmente por cerca de 600 famílias, estimando-se em 4.635 habitantes (BRASIL, 2009) em estreito contato com as pessoas não índias das cidades e propriedades rurais próximas.

Paralelamente às atividades de observação, e com os mesmos objetivos desta, foram ouvidos jovens e adultos residentes na Aldeia, e que se dispuseram espontaneamente a colaborar com a pesquisa. As conversas foram conduzidas em português e em guarani (uma das pesquisadoras era falante da língua), gravadas em fitas k7, posteriormente transcritas e analisadas.

Executada essas etapas da pesquisa, o passo seguinte consistiu na visitação a quatro escolas de ensino fundamental da Aldeia com objetivo de conhecer a rotina, os programas e os planejamentos, em busca de algo que indicasse possibilidades de ali haver doenças transmitidas aos humanos por animais. A Escola Municipal Indígena Nãdejara Pólo concentrava o maior número de estudantes e professores, além de todos os arquivos das atividades realizadas pelos alunos. Por esse motivo, a continuidade da pesquisa se restringiu a essa Escola. Foi perscrutada a produção dos alunos do ano de 2003 (as demais se perderam por falta de condições de arquivamento). Numa primeira análise, não foi encontrada nenhuma menção explícita ao tema. Optou-se, então, num segundo momento, por reanalisar as atividades em que foram observadas referências aos animais, tentando encontrar sinais de sua ocorrência no ambiente natural da Aldeia, além das formas de uso destes pela população.

Dada a escassez das informações obtidas, foram adotados outros procedimentos, desta vez diretamente com os alunos. Foram realizadas duas atividades com trinta alunos indígenas, estudantes de primeira e segunda séries, com faixa etária entre oito e nove anos. Na primeira, foi solicitado a cada um que expressasse em forma de desenho cenas de convívio pessoal com gato, cachorro, vaca e porco. Tais animais foram sugeridos em virtude de terem sido os mais avistados durante a fase de observação do ambiente da Aldeia, além de serem reconhecidamente importantes, do ponto de vista da literatura parasitológica, no ciclo de zoonoses. A opção pela representação em desenho (e não pela forma de redação escrita) deveu-se ao fato de que presumíamos que a comunicação seria facilitada, uma vez que apenas um dos pesquisadores dominava a língua guarani que era exclusivamente utilizada pelas crianças nas séries iniciais. A outra atividade também se valeu de recursos visuais, e consistiu na apresentação aos alunos de alguns cartões contendo figuras de alimentos (carne de peixe, de bovino, carneiro, porco, além de leite de vaca e hortaliças diversas) com intuito de que apontassem aqueles que estivessem presentes em sua dieta. Tal seleção baseou-se na observação da ocorrência desses alimentos no local. Além disso, as conversas com os moradores sugeriram essa composição na dieta alimentar dos Kaiowá e Guarani. Levou-se em consideração, ainda, a literatura especializada que indica o potencial desses alimentos na disseminação de zoonoses.

Por fim, foi proposto um questionário aos professores indígenas da Escola, com objetivos de verificar seus conhecimentos a respeito de doenças transmitidas por animais aos humanos, a eventual ocorrência destas no local e também com se dá a abordagem do tema “zoonoses” na escola. Os professores responderam, por escrito, às seguintes questões: Você conhece algum animal que pode transmitir doenças para as pessoas? Qual(is)? Que doenças

transmitem? Como são transmitidas? Você já abordou esse assunto com seus alunos? Conte como foi. De posse dessas respostas, o tema foi novamente discutido com os professores, durante os seus horários de planejamento, em conversa informal.

Resultados

A observação *in loco*, associada às conversas com moradores do local, assim como a análise das atividades arquivadas na escola, bem como das atividades que conduzimos com os alunos e com os professores, permitiu constatar diversas condições que propiciam a ocorrência de zoonoses e a sua disseminação. Uma síntese será apresentada a seguir.

a- O cenário da Aldeia: Há fragmentos de mata nativa, mas uma grande área é recoberta por gramíneas (colonião e braquiária). Existem também pequenas áreas de reflorestamento de eucaliptos. As casas são pequenas, construídas com madeira da floresta nativa ou de eucalipto. Adjacente a algumas delas podem ser vistas árvores frutíferas, além de roça de milho e mandioca. Uma estrada estadual corta toda a extensão da Aldeia. O Posto de Saúde atende à população local, mas não há médicos em todos os dias e horários. Agentes de saúde indígenas fazem atendimento domiciliar. A comunidade utiliza-se frequentemente dos serviços médicos e ambulatoriais da cidade próxima (Caarapó). Para casos emergenciais recorrem à estrutura da Fundação Nacional de Saúde-FUNASA e da Fundação Nacional do Índio-FUNAI que encaminha os doentes para atendimento e internação nos hospitais da região. Tal cenário é propício à ocorrência de animais que mantêm o ciclo das zoonoses, assim como a disseminação destas. O ambiente é propício à proliferação de insetos. A deficiência no atendimento médico aos doentes dificulta a intervenção num dos elos da cadeia cíclica.

b- Água e higiene: a água tratada chega a diversos pontos; a rede é extensa, mas não atinge a todos os moradores. Há episódios de falta de água e muitas vezes esta não chega às torneiras com pressão suficiente. Assim, as mulheres preferem utilizar a água dos córregos e açudes para limpeza das roupas e lazer. Para o banho, ingestão e preparação de alimentos usa-se também a água da rede. A fervura da água para uso não é prática rotineira. Não é habitual lavar as mãos antes das refeições. Há fossa séptica em algumas residências, contudo é comum defecar e urinar no solo (nos fundos das residências ou no meio da mata). A higiene das mãos após essa prática não é comumente observada. Tais condições são favoráveis ao ciclo das zoonoses. Ovos de parasitos eliminados nas fezes podem contaminar o solo e a água e serem ingeridos por animais que transmitem parasitos aos humanos

c- Animais: a interpretação das atividades produzidas pelas crianças permitiu inferir que na Aldeia vivem ou viviam mamíferos (macaco, tatu, quati, tamanduá, coelho, veado, onça, vaca, cavalo, porco, cachorro, gato), além de aves (pássaros diversos, louro/papagaio, tucano, arara, pato), répteis (cobra) e peixes. Cotejando essas informações com os aspectos fitofisionômicos observados, além das informações dos moradores do local, foi possível confirmar que a maioria desses animais ainda pode ser encontrada na região, porém em número bastante reduzido. Nas condições atuais de degradação ambiental, raramente podem ser avistados animais silvestres como tamanduá e veado; a onça, certamente, não é mais endêmica no local, pois demanda para sua sobrevivência um extenso território (25 a 80 km²) com matas preservadas. Em quase todas as residências há animais domésticos. Os cães são em grande número e vivem em contato estreito com as pessoas, por vezes disputando alimento no mesmo prato. São magros e muitos apresentam sarna e infestação por carrapatos; alguns têm sinais aparentes de leishmaniose. Poucos gatos foram observados, mas há informações de que existem em grande número. Cavalos são raros, assim como o gado bovino e suíno. Em alguns quintais criam-se galinhas para subsistência. Muitos desses animais que ocorrem atualmente na Aldeia possuem importância nos ciclos das zoonoses. Sabe-se, por exemplo, que o quati

participa do ciclo da raiva e também de outras zoonoses como a tripanossomíase e criptosporidiose. O tatu, assim como as preguiças, tamanduás, pacas e porcos-espinho são reservatórios silvestres do *Trypanosoma cruzi*. Quando compõem a dieta de seres humanos, podem se constituir fontes de infecção, tanto pela manipulação da carcaça como pela ingestão da carne mal cozida. Mamíferos silvestres (onça, tamanduá, quati, macaco, tatu, coelho, veado) são também responsáveis pela transmissão da leptospirose. O cachorro e o gato participam dos ciclos da leptospirose, toxoplasmose, dermatomicoses, raiva, escabiose, dentre outras. O cão participa ainda do ciclo da leishmaniose visceral. Bovinos e suínos participam dos ciclos da toxoplasmose e teníase; o cão e o porco da tungíase; o cavalo, carneiro, onça e algumas aves também estão presentes no ciclo da toxoplasmose; o porco participa ainda do ciclo da cisticercose.

d- Alimentos: Em razão da quase inexistência de animais silvestres no local, é rara a sua utilização como alimento. Se avistados, porém, a caça é praticamente inevitável, sendo a carne e as vísceras cozidas e ingeridas como alimento. Macaco, quati e tatu foram citados como parte da dieta (“macaco encontrado na mata que o índio traz para comer e a mulher cozinha”). O tatu foi lembrado pelo sabor (“carne de tatu é gostoso”), pela sua escassez (“antigamente tinha mais”) e pela utilização do casco como utensílio doméstico ou como brinquedo. Galinha (e ovos), gado bovino (e o leite) e suíno, além de peixes foram também citados como componentes da dieta alimentar. A carne de carneiro foi mencionada, mas não parece ser rotineiramente ingerida. Além de animais, podem ser citados alimentos de origem vegetal, tais como a mandioca e o milho, principalmente. A produção excedente, quando existe, fica temporariamente acumulada próxima ao ambiente doméstico, o que pode atrair animais. Em alguns quintais colhem-se frutas (mamão, abacaxi, laranja, limão) e hortaliças diversas (alface, cenoura, beterraba, rabanete, repolho, entre outras). Estas estão presentes na alimentação, em especial das crianças, pela via da merenda escolar, e provêm, em grande parte, das Unidades Experimentais, um projeto de extensão desenvolvido na Aldeia e coordenado pela Universidade Católica Dom Bosco. Outros itens de alimentação incluem produtos industrializados doados por programas governamentais ou adquiridos em mercados das cidades vizinhas. Em relação aos alimentos consumidos pelos Kaiowá e Guarani e as possíveis relações com as zoonoses, são válidas as observações do item “c”. Ressalte-se que o cozimento e manuseio corretos destroem a infectividade dos agentes etiológicos para os humanos. Nesse quesito, verificou-se que o preparo das carnes pelos Kaiowá e Guarani inclui técnicas como assar, cozinhar, torrar ou moquear, o que assegura, em parte, a redução dos riscos de contaminação por cistos, ovos e larvas de parasitos. Entretanto, as hortaliças, assim como as frutas, são consumidas geralmente *in natura* e sem serem submetidas a processos de higienização e descontaminação. O solo contaminado por fezes de humanos, animais e lixo pode contaminar os alimentos, agregando a eles cistos, ovos e larvas de parasitos que podem chegar aos humanos direta ou indiretamente com a ingestão da carne dos animais, favorecendo assim a disseminação de zoonoses.

e- Outras relações dos Kaiowá e Guarani com os animais: Foi constatada grande proximidade das pessoas com animais domésticos que fazem parte do ciclo de zoonoses. Tal constatação se deu mediante observação e conversa com moradores do local, além das representações nos desenhos das crianças que mostram gatos e cães no colo, participando de brincadeiras, nadando e dormindo junto com as pessoas, ou compartilhando alimentos. Na cultura guarani se utiliza órgãos ou outras estruturas de animais como remédios (banha, bico, ossos), adorno (penas, ossos, dentes) e em diversos rituais. Galinhas e cães são reconhecidos como anteparo aos malefícios vindos do mundo exterior (doenças e feitiços), sobretudo os que acometem às crianças nos primeiros anos de vida quando são mais vulneráveis. Os cães são citados como as principais barreiras às doenças, seja avisando (por meio de latidos e de mudança de comportamento) quando os males estão se avizinhandos, seja assumindo os males

que os afligiriam. Nesse caso, a má aparência desses animais representa, antes de tudo, que estão cumprindo o seu papel, preservando as pessoas das doenças que as acometeriam. Vale ressaltar que, segundo Vietta (1998), no sistema de crenças dos Kaiowá e Guarani, certos sintomas são percebidos e enquadrados na categoria “doença” enquanto outros ou não o são ou são categorizados como “feitiço”. Esta é uma categoria de entendimento utilizada para explicar a causa de alguns estados cuja causa aparente não é visível e que culmina em geral na morte. Com esses pressupostos é que procuram (ou não) o tratamento adequado, e inclusive as formas de prevenção, entre as quais a reza e as práticas dos rituais. Tais elementos culturais, juntamente com as demais condições já levantadas, constituem-se fatores que podem contribuir para a continuidade do ciclo de diversas zoonoses.

f- As zoonoses no currículo da escola: Poucos professores souberam citar nomes de animais que transmitem doenças aos humanos. Quando o fizeram alguns não conseguiram estabelecer relações entre as zoonoses e formas de contaminação (Quadro 1).

QUADRO 1. Animais, doenças que transmitem e formas de contaminação, segundo os professores da E. M. I. Nandejara Pólo, Aldeia Te'ýikue, Caarapó, MS.

Animais	Doenças	Contaminação
Cão	Raiva	“Raiva é transmitida pela mordida, arranhado”
	Sarna	“Onde o cachorro deita se a criança sentar pega sarna...” “Sarna a gente pega através de cachorro que tem doença, como feridas e outros tipos a mais”. “Cachorro transmite sarna através do pelo; se a pessoa, ingerir o pelo pode ter doença”
	Leishmaniose	“Onde o cachorro deita, se a criança sentar, pega leite masiosa”
	Alergia	“É pelo contato”
Gato	Raiva	Não mencionado
	Bronquite	“Gato transmite bronquite através do pelo”
	Alergia	Não mencionado
Rato	Leptospirose	Não mencionado
Vaca	Lombriga	Não mencionado
Barata, galinha, morcego	Não mencionado	Não mencionado

Os professores correlacionaram algumas doenças e os animais que as transmitem a seres humanos: Cão/Raiva, Sarna, Leishmaniose, Alergia; Gato/Raiva, Bronquite, Alergia; Rato/Leptospirose. Quanto à escabiose (sarna) e à leptospirose, as respostas dos professores exprimiram a ideia de que o contato com o animal enfermo propicia a transmissão da doença, mas não demonstraram clareza sobre como isso poderia ocorrer. Houve casos em que os nomes das doenças foram citados incorretamente (“leite maniosa” ou “masiosa”, no lugar de Leishmaniose). Convém ponderar que a língua materna é o guarani, falado cotidianamente pelos professores e pelos demais moradores da Aldeia. Alguns professores se equivocaram no que diz respeito à forma de transmissão da leishmaniose (considerada como adquirida ao sentar “onde o cachorro se deita”). Também houve equívoco quando da citação da “lombriga” (e não a tênia ou solitária) como parasito transmitido aos humanos pelos bovinos. Essa referência pode estar associada ao fato de que é comum entre a população leiga designar pelo nome genérico de “lombriga” os helmintos intestinais. Todos reconheceram que não tinham muito conhecimento sobre o assunto e que raramente abordavam em suas aulas o tema da transmissão de doenças aos humanos pelos animais. Segundo depoimento dos professores, os animais só são estudados de modo aprofundado quando “a gente fala da preservação, da importância do meio ambiente” e também “dos que são animais para alimentação tradicional”,

“dos mitos”, os que “trazem boas notícias, ou avisam as coisas ruins, assim como é na tradição”. A mesma ênfase, contudo, não é colocada sobre as possibilidades de os animais transmitirem doenças. Isso pode ser atribuído a diversos fatores, tais como (1) questões relacionadas a cultura (por exemplo, a natureza é vista como um *continuum*, não havendo separação entre humanos e animais, (2) os animais não são percebidos como vetores de doenças; (3) a categoria doença não contempla muitos dos estados que consideramos como tal; (4) desinformação dos professores sobre o tema (do ponto de vista da ciência ocidental); (5) não compreensão e/ou não aceitação da lógica explicativa da parasitologia médica, entre outros. De qualquer forma, o não comparecimento dessa questão no currículo da escola pode ser uma das condições que favorecem a disseminação do ciclo das zoonoses na Aldeia.

Em síntese, a pesquisa constatou a vulnerabilidade da população kaiowá e guarani frente às zoonoses, doenças cuja disseminação na Aldeia parece estar fortemente influenciada pelas condições ambientais, econômicas e culturais presentes no local estudado. Constatou também que a escola indígena pouco tem contribuído para fazer frente a essa questão, uma vez que esse conteúdo raramente é contemplado no currículo escolar ou não o é suficientemente. As zoonoses podem não estar sendo percebidas como um problema e os professores parecem não terem sido preparados para lidar com o tema em questão.

O ENCONTRO DE CULTURAS DISTINTAS: UMA EXPERIÊNCIA FORMADORA

Em que medida essa aproximação com a realidade dos Kaiowá e Guarani se traduziu como uma experiência (trans)formadora para alunos e professores do Projeto Ara Verá?

Compreendemos que os currículos de cursos voltados à formação de professores indígenas devem estar pautados no respeito à sua cultura e estar engajados na luta pela construção de seus projetos de autonomia e sustentabilidade ambiental, social, econômica, política e cultural. Um currículo comprometido com esses objetivos requer que os envolvidos com a formação de professores construam espaços de (re)conhecimento de si e uns dos outros, nos quais sejam favorecidas condições para que cada um explicita, discuta e problematize, dentre outras questões, próprias crenças, os seus modos de pensar, viver, interpretar e produzir saberes e práticas.

Entendemos que fizemos um movimento nessa direção ao nos aproximarmos dos kaiowá e guarani em busca de maior compreensão da sua história, das condições nas quais construíram suas diferenças, mais especificamente seu modo de ser, viver, compreender e lidar com as doenças, dentre estas as zoonoses. Dessa forma, pudemos tornar visíveis os alunos indígenas de “carne e osso”, sujeitos singulares e históricos que em nada se assemelhavam ao índio abstrato que nos foi apresentado pelos livros didáticos. Numa via de mão dupla, o processo de aproximação do outro com intuito de conhecê-lo foi também um movimento de autoconhecer, uma oportunidade de olhar para nós mesmos, nossas histórias de vida, nossa história social, as condições de produção dos nossos saberes, a ciência que orienta nosso pensar e nossas visões de mundo, as lógicas que as sustentam, as relações de poder nas quais se insere, os processos de colonização de outras formas de compreender.

Reconhecer que existem culturas subalternizadas, dar visibilidade a elas e aos seus saberes pode, perigosamente, ser uma arma a serviço da reafirmação da insuficiência da bagagem cultural destas e, assim, contribuir para reforçar a perspectiva monocultural do currículo, segundo a qual se confirma a ciência ocidental como a única e legítima forma de conhecimento. Se orientada por essa ideia, a pesquisa que fizemos e que nos aproximou da história, dos saberes e práticas dos kaiowá e guarani seria apenas uma tarefa acadêmica, distante da perspectiva emancipadora, a serviço da afirmação dos papéis assimilacionista e integracionista que marcaram historicamente as escolas dos brancos para os índios.

Mais que reconhecer as especificidades culturais dos kaiowá e guarani, consideramos fundamental situar esses esforços no comprometimento com a luta desse povo por justiça social. O trabalho que fizemos e que tornou visível a nós o índio real orientou-se por esse compromisso. Por esse motivo, insistimos em criar espaços na sala de aula do Projeto Ara Verá para que essas peculiaridades fossem explicitadas e submetidas ao debate reflexivo, auto-reflexivo e meta-reflexivo. Nesse contexto foram emergindo as lógicas que sustentam as distintas visões sobre o fenômeno estudado; fomos percebendo o caráter histórico, cultural e conjuntural destas e as possibilidades de mudanças que decorrem dessa condição.

Foi também objeto de reflexão a própria experiência de pesquisar e de levar à sala de aula os dados obtidos para a discussão. Pensar coletivamente sobre a história das condições que conduziram à vulnerabilidade dos Kaiowá e Guarani às zoonoses e sobre os saberes necessários ao enfrentamento destas foi um precioso momento de construção do que consideramos diálogo intercultural. Saberes e práticas dos alunos indígenas, explicitados e confrontados com saberes e práticas das ciências do ocidente, e compreendidos no âmbito da história de suas produções e dos sujeitos que os produziram, constituíram-se conteúdos de ensino no currículo de ciências naturais do Projeto Ara Verá, numa perspectiva crítica e de resistência, a serviço do empoderamento dos Kaiowá e Guarani.

Com auxílio de teóricos preocupados com a questão intercultural no currículo, começamos a compreender um pouco melhor as nossas ações. Ancorados em Silva (2004), entendemos que a escola e os currículos são aparatos construídos socialmente e, como tal, são lugares de luta pela legitimidade de expressões. Nessa luta creio que demos nossa parcela de contribuição. Agimos orientados pela concepção de “multiculturalismo crítico”, “de resistência” ou “revolucionário”, de Peter Mc Laren (2002). Esta concebe as diferenças como produtos da história e entende que as questões específicas como raça, gênero e classe como produtos de lutas sociais mais amplas e das relações culturais e institucionais onde os significados são gerados, e está compromissado com uma agenda em favor da justiça social.

As reflexões continuam apoiadas em Fleuri (2002) que concebe a orientação intercultural na escola e no currículo como um esforço de construção de uma relação de escuta entre sujeitos de distintas culturas, na qual um se dispõe a influenciar o outro e também a deixar-se influenciar por ele. Vale reforçar, com o autor, o traço da *intencionalidade de transformar e transformar-se* que caracteriza a relação intercultural. Nessa relação, o confronto de visões de mundo diferentes se estabelece não para silenciar uma a outra, mas para que ambas modifiquem e ampliem seus horizontes de compreensão da realidade.

Acreditamos na intencionalidade de modificar e modificar-se que envolveu o nosso trabalho. Cremos que temos favorecido a “fertilização cruzada” (conforme nomeia Hall, 2003) entre culturas. Apostamos que haverá frutos resultantes da escuta uns dos outros enquanto cada aguça sua capacidade de escuta de si mesmo e, nesse movimento, emergem as possibilidades e as insuficiências das lógicas, dos códigos, dos conceitos e práticas, dos sistemas de crenças que nos orientam.

Como estão em jogo sistemas de crenças diferentes, a fertilização não se dá sem conflitos. A título de exemplo, pontuamos as discussões ocorridas durante as aulas a respeito das condições propícias ao ciclo de zoonoses entre os Kaiowá e Guarani (a higiene alimentar, as relações das pessoas com os animais, a ausência de abordagem do tema na escola, as condições econômicas e ambientais etc). Estas foram tensas, fortemente atravessadas pela questão da luta pela demarcação das terras indígenas. A posse da terra, percebida como condição primeira para a construção de condições ambientais, econômicas, políticas e culturais que lhes possibilitaria viver o seu modo de ser foi a tônica da discussão e a partir dela se pode pensar relacionar o currículo como forma de repensar, desconstruir e criar novas práticas que se fizerem necessárias para responder aos desafios que os Kaiowá e Guarani enfrentam na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada foi planejada com intenção de provocar o encontro entre culturas e nele fazer emergir histórias, códigos, referências e crenças que podem contribuir para fazer frente ao problema das zoonoses entre os Kaiowá e Guarani. Constatamos com esse trabalho que novos significados e significações, mais condizentes com as necessidades atuais, e pautados no respeito a essa cultura, precisam ser construídas. O currículo do Curso de formação de professores kaiowá e guarani esteve atento a essa questão e envidou esforços na criação de contextos em que pudessem ser favorecidos o encontro e confronto de diferentes visões de mundo, com vistas ao (re)conhecimento de si e do outro e a produção de identidades sempre dinâmicas e abertas às diferenças.

Aonde chegamos ou chegaremos com tudo isso? Com assinalam Candau (2005) e Fleuri (2002), é imprevisível o resultado dessas opções e ações. Sabemos, porém, das nossas intenções. Objetivamos fazer com que sujeitos sejam desafiados a uma “experiência não superficial e incomum de conflito/acolhimento”. Isso pode, inclusive, produzir efeitos na “própria matriz cognitiva” dos envolvidos no processo (FLEURI, 2002, p. 77). Ainda que não saibamos ao certo aonde se chegará nessa viagem, cremos que a “fertilização cruzada” - a troca recíproca de modos de pensar a escola, os currículos e programas, as pessoas, as relações interpessoais, estilos de ensinar e aprender - acompanhará todo o processo.

No que diz respeito a nossa própria formação como professores, podemos dizer que há sinais de que a “fertilização” já esteja acontecendo. As zoonoses, um tema que nos parecia familiar dentro do corpo teórico da Parasitologia, apresentou-nos toda sua estranheza nesse novo contexto. Isso nos mobilizou em busca de uma maior aproximação dos Kaiowá e Guarani, e esse movimento favoreceu o (re)conhecimento não apenas desses sujeitos e de sua cultura, mas também um mergulho para dentro de nós mesmos. No reconhecer e reconhecer-se, vimos que as condições atuais em que vivem os Kaiowá e Guarani são frutos de uma história de dominação. Conhecemos também saberes e práticas tradicionais que continuam vivos e podem desempenhar um papel importante na vida desses povos. Vimos, ainda, que enfrentam problemas para os quais sua cultura carece de respostas. Fomos convencidos de que podemos fazer parte de sua luta e que podemos contribuir para o seu empoderamento abrindo oportunidade de serem ouvidos no currículo e oferecendo a eles condições de ouvir, em novas bases de respeito à diferença, a cultura que os silenciou. Estamos aprendendo a construir espaços propícios à negociação, reelaboração e mudanças nos nossos sistemas de crenças e valores.

Em face dessas aprendizagens, acreditamos que a nossa participação na construção curricular do Projeto Ara Verá está se constituindo “experiência” - no sentido atribuído por Larrosa (2001) - algo que *nos* passa, nos modifica, nos constrói, nos forma. Temos a sensação de que essa (trans)formação está em curso e jamais será concluída. Sabemos que estamos construindo novos saberes necessários à docência. Saberes sobre os Kaiowá e Guarani, sobre nós mesmos e a nossa cultura, saberes de se deixar interpelar, escutar-se e escutar, negociar, fertilizar e fertilizar-se nas pluralidades de visão de mundo. A escritura deste texto é parte dessa caminhada.

REFERÊNCIAS

BRAND, A. J. *O impacto da perda das terras sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. 1997. 382f. Tese (Doutorado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

BRAND, A. J. Quando chegou esses que são nossos contrários – a ocupação espacial e o processo de confinamento dos kaiowá/guarani no Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, Campo Grande, n. 12, p. 21-51, nov., 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília, DF, 1998.

BRASIL, Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde–FUNASA, Rede Nacional de Estudos e Pesquisas em Saúde dos Povos Indígenas-RENISI. Disponível em: http://sis.funasa.gov.br/portal/detalhe_dsei.asp?streddsei=20. Acesso em 10 jul. 2009. BRASIL, Fundação Nacional do Índio, 2009.

FLEURI, R. M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processo educativos. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. 2. ed. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 67-82.

CANDAU, V., M. Sociedade Cultural e Educação: tensões e desafios. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13-38.

GRÜNBERG, F. P. Religiosidad Guarani. In: JORNADA SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 9, 1999, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1999. mimeo.

GRÜNBERG, F. P. *Reflexões sobre a situação dos Guarani no Mato Grosso do Sul, Brasil*, 2002. 22f. mimeo.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2001.

MATO GROSSO DO SUL, Secretaria de Estado de Educação. *Curso Normal em Nível Médio – Formação de Professores Guarani/Kaiowá – Projeto Ara Verá*. Campo Grande, 1999.

Mc LAREN, P. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VIETTA, K. “Não tem quem orienta, a pessoa sozinha é que nem uma folha que vai com o vento”: análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani. *Multitemas*. Campo Grande, n. 12, p. 52-73, nov., 1998.